

Seção: Artigo

**Trilha: Interdisciplinar
em Ciências Humanas.**

José Ignacio Ribeiro Marinho
Universidade Federal de Juiz de Fora
josebrenatti@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7136-8537>
<http://lattes.cnpq.br/1190055152229839>

Mathias Vinícius Santos Rocha
Universidade Federal Fluminense
mathias_vsr@id.uff.br
<https://orcid.org/0009-0008-2131-1031>
<http://lattes.cnpq.br/6813388130798843>

Contribuição dos autores:

José Ignacio Ribeiro Marinho:
Análise dos dados, pesquisa, escrita –
revisão e edição.

Mathias Vinícius Santos Rocha:
Metodologia, conceituação, escrita –
revisão e edição.

Este trabalho está licenciado com uma
licença *Creative Commons* Atribuição
4.0 Internacional



Esta licença permite que os/as
usuários(as) do seu material possam
distribuir, remixar, adaptar e criar a
partir do material criado por você,
mesmo que seja para fins comerciais,
mas desde que quem usar atribua o
devido crédito pela autoria inicial da
obra.



O INÍCIO DO CICLO DAS ABELHAS EM *THE BEE MEETING*, DE SYLVIA PLATH: uma análise temático-estrutural

Resumo

Ancorada em revisão de literatura, a presente pesquisa tem por objetivo geral, sob a égide do confessionalismo norte-americano (vertente literária modernista das décadas de 1950 e 1960), analisar temático-estruturalmente o poema *The Bee Meeting*, da escritora Sylvia Plath (1932-1963). Na visão do estudioso e tradutor, Rodrigo Garcia Lopes (2018), o presente poema (ao lado de outros quatro) constitui o chamado “ciclo das abelhas”, cujo eixo temático vincula-se, especificamente, ao contexto da apicultura em suas variadas vertentes. Assinala-se que tais poemas encontram-se no fim do livro *Ariel* (1965) – livro este que foi publicado após a morte da escritora. O objeto de análise, o poema, fala sobre uma reunião de vizinhos que se aventuram na colmeia de abelhas domesticadas. O objetivo é remover todas as abelhas rainhas, exceto uma, a fim de assegurar um enxame unificado. Plath, que vivenciou essa experiência, é representada aqui através de imagens evocativas de morte, cerimônias, operações e encontros. Sobre os termos utilizados para o embasamento e análise temático-estrutural, recorreremos às pesquisas empreendidas por Bakhtin (2020), no que tange as ideias propostas sobre a personificação do autor em personagem como uma forma de externalização; Moisés (1974), sobre o termo na qual a autora pode ser desenvolvida; e Plath (2017), utilizando os seus diários como uma bússola a fim de destacar as autoafirmações que ela fazia para si. Além de outros autores que ajudarão a enriquecer nossa compreensão desse tema intrincado e multifacetado.

Palavras-chave: Literatura norte-americana, Modernismo, Confessionalismo, Sylvia Plath.

1 Introdução

A cena literária norte-americana dos anos 1950 e 1960 é marcada por uma série de autores e obras notáveis que estiveram aliados a um reconhecimento de questões socioculturais que permeavam o mundo, como a Guerra Fria, o conformismo e o conservadorismo, o boom econômico, o surgimento da cultura pop, dentre outras.

No decorrer dos anos de 1950, os Estados Unidos foram testemunhas de movimentos artísticos que impactariam especialmente a literatura modernista, dentre alguns desses movimentos podemos citar dois: a Geração Beat e o Confessionalismo.

Enquanto o primeiro é caracterizado por uma abordagem não convencional da escrita e pela exploração de temas como liberdade, descontentamento social, espiritualidade e experimentação – com trabalhos representativos como o romance *On the Road*, de Jack Kerouac (1922-1969), refletindo a filosofia da Geração Beat de rejeitar as normas convencionais e buscar uma autenticidade pessoal e experiências genuínas; o segundo procura abordar questões como identidades, relacionamentos, traumas e questões existenciais, diferenciando-se na ênfase exploratório-introspectiva de emoções profundas e frequentemente dolorosas – Anne Sexton (1928-1974), Robert Lowell (1917-1977) e Sylvia Plath (1932-1963) são algumas das figuras do chamado movimento confessionalista; seus trabalhos exploram suas próprias batalhas internas, oferecendo visões íntimas de suas vidas.

Na presente pesquisa, exploraremos, temático-estruturalmente, certas questões relacionadas à literatura confessional plathiana, utilizando-nos do poema *The Bee Meeting*, escrito pela poeta Sylvia Plath. Para a consolidação deste trabalho, ancorar-nos-emos na bibliografia do filósofo russo da linguagem, Mikhail Bakhtin.

2 Nos trilhos do confessionalismo norte-americano: Sylvia Plath (1932-1963)

Sylvia Plath, reconhecida como contista, poeta e romancista de renome, deixou sua marca no mundo literário através de sua rica e complexa produção artístico-literária. Sua habilidade de mergulhar profundamente em emoções e experiências pessoais contribuiu para a sua identificação com o estilo confessional, cujas bases estão alicerçadas nas obras literárias norte-americanas das décadas de 1950 e 1960. Nesse contexto literário, a autora compartilha a cena com outros intelectuais do mesmo panteão, como Anne Sexton e Robert Lowell, todos engajados em explorar

os recantos interiores da psique humana e dar voz às angústias existenciais de sua época.

Além de sua prosa marcante, em seu único romance publicado, *The Bell Jar* (1963) – “A redoma de vidro”, Sylvia Plath também se destacou como uma poeta formidável. Seu livro de poemas publicado enquanto em vida, *The Colossus and Other Poems* (1960), é um testemunho lírico de sua habilidade de explorar temas complexos e de mergulhar nas profundas experiências humanas. Com uma voz poética intensa e reflexiva, Plath teceu um mosaico de emoções e reflexões, abordando questões de identidade, relações interpessoais e as lutas internas que moldam nossa existência. Por outro lado, a segunda coletânea de poemas, *Ariel* (1965), foi apenas publicada alguns anos após a morte da autora, porém não da mesma maneira que ela planejara. Somente décadas depois, em 2004, que essa edição idealizada pela autora viria à luz das prateleiras editoriais.

Por ter sido uma escritora ambiciosa, no sentido de uma dedicação de trabalho não apenas poético — Sylvia praticava métricas desde criança —, mas também intelectual, ela segue disputada por vários lugares dos estudos literários (Siqueira, 2022, p. 53).

A tentativa de buscar possíveis explicações racionais para certas atitudes da poeta (como o extermínio corpóreo), bem como de justificar sua vida por meio de conjecturas e/ou rótulos redutores, acabam por transformá-la em um ser mitológico, encobrindo, por vezes, seu material temático-estético.

Através das perspectivas oferecidas por quem se dedica à leitura, é possível discernir o que está sendo observado (se é o autor propriamente dito ou uma persona que ele criou), mesmo que essa compreensão não seja universalmente compartilhada, dentro do contexto textual. O filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin (1895-1975), tece observações sobre essa personificação dentro de obras:

Se levarmos em conta todos os fatores aleatórios que condicionam as declarações do autor-pessoa sobre suas personagens — a crítica, sua verdadeira visão de mundo que pode sofrer fortes mudanças, seus desejos e pretensões, [...] veremos com absoluta evidência o quanto é incerto o material que deve emanar dessas declarações do autor sobre o processo de criação da personagem. [...] O autor-criador nos ajuda a compreender também o autor-pessoa (Bakhtin, 2020, p. 6).

Destaca-se que, no contexto do movimento confessionalista norte-americano, Sylvia Plath não esteve isolada, dado que não lhe faltou a oportunidade de se conectar com outros autores contemporâneos. Como ilustração, é interessante notar que Robert Lowell atuou como professor de Plath, assim como de Anne Sexton. Não apenas compartilhavam a mesma esfera acadêmica, mas

também nutriam afeto uns pelos outros (como Anne Sexton e Sylvia Plath).

3 As abelhas na poética plathiana

Uma das marcas estilísticas presentes na poesia de Sylvia Plath é a alegoria. Esta, em um sentido amplo, pode ser interpretada como forma de expressão que aponta para possíveis direções em relação ao que o autor pretende comunicar. Indo além de simples figura de linguagem, a alegoria pode representar uma estratégia para não revelar o não expresso, mascarando os sentimentos envolvidos na composição poética ou até mesmo ocultando situações cotidianas, que podem abarcar sentimentos como ciúme e/ou vingança.

O próprio poema em análise, que demarca o início do denominado “ciclo das abelhas”, pode ser considerado uma alegoria por excelência. Quando se trata do termo "alegoria", de acordo com o Dicionário de termos literários, de Massaud Moisés, ele implica em “indicar outro ou fazer alusão a outro, ao falar de uma coisa enquanto se refere a outra, — uma linguagem que encobre outra, uma história que sugere outra” (1974, p. 14).

Fundamentando-se nesse pressuposto, os postulados bakhtinianos, relacionados aos estratos semântico-discursivos que abrangem temas, autor-personagem e ficcionalização, também serão empregados para enriquecer a análise do texto.

Por dentro de si mesma a vida interior não é rítmica e — podemos falar em termos mais amplos — não é lírica. A forma lírica aí se introduz de fora e expressa não a relação da alma vivenciadora consigo mesma mas a relação axiológica do outro como tal com ela. [...] Tudo o que é interior na personagem parece inteiramente voltado para fora, para o autor, e foi elaborado por ele (Bakhtin, 2020, p. 153-154).

O pai de Sylvia, Otto Plath, era uma referência no estudo das abelhas. Seu livro, *Bumblebees and Their Ways* (1934), ainda é amplamente respeitado atualmente – durante sua infância na Alemanha, foi carinhosamente apelidado de “Beinen-Konig” (rei das abelhas). Ao imigrar para os Estados Unidos, assumiu o cargo de professor de entomologia, na Universidade de Boston. A perda de Otto Plath, quando Sylvia tinha somente oito anos, teve um profundo impacto sobre seus sentimentos e pensamentos ao longo de toda a sua vida.

Os poemas escritos pela autora acerca das abelhas vão muito além de uma mera exploração de diminutas criaturas, como uma figura de paralelismo – pelo contrário, apesar de sua fragilidade evidente, com seus corpos minúsculos e asas ainda menores, esses seres desafiam as próprias leis da

física. No entanto, direcionemo-nos ao ano de 1962, mais especificamente no início de setembro. Nesse período, Sylvia Plath, então casada e mãe de dois filhos, encontrava-se estabelecida em Court Green, em Devon, Inglaterra. Em meio a esse contexto, a poeta deu vida a *The Bee Meeting* (“A Reunião das Abelhas”, em português).

4 A análise

Para analisar o poema, recorreremos à segunda edição bilíngue do livro *Ariel*, publicado pela editora Versus, no ano de 2018, com tradução de Rodrigo Garcia Lopes e de Cristina Macedo¹.

A estada em Court Green ganhou uma importância singular na vida de Plath e de sua família, além de ser o local onde deu vida à maioria dos poemas que compõem a coletânea *Ariel*, representou a primeira moradia que escolheu ao deixar os Estados Unidos e estabelecer-se na Inglaterra. Essa transição de um espaço para outro, portanto, implica uma interação com indivíduos de diferentes horizontes, inseridos, por exemplo, em um contexto linguístico-cultural específico.

Entre as figuras notáveis que emergem na descrição, surge um vendedor de abelhas, que não necessariamente se trata de um apicultor como se poderia presumir. Ao utilizar os artigos definidos para apresentar esses elementos, o texto proporciona uma espécie de delimitação, como se somente esses seres estivessem presentes, sendo únicos em sua representação. Essas funções específicas, por analogia, ecoam nas tarefas das próprias abelhas no interior da colmeia, posto que estas integram um grupo de insetos notáveis por sua capacidade de coexistência social. Esse enxame, composto por operárias, zangões e uma rainha, opera em uma colmeia com papéis bem definidos, trabalhando para produzir mel e aguardando o cumprimento de suas funções na colônia por parte das operárias designadas.

Nestes alvéolos, representados metaforicamente pelas estrofes, estão depositados todos os “pólenes” capturados pela poeta ao longo dos seus dias, e, conseqüentemente, fazem com que nós tenhamos essa sensação de imersão, de idas e vindas, como Bakhtin cita, “a lírica não visa a criar para a personagem um caráter acabado, não traça um limite nítido entre o conjunto da sua alma e toda a sua vida interior [...] a ilusão da autopreservação da personagem e de sua posição interior” (2020, p. 154-155). O eu-lírico sente-se provocado ao perceber que está desprotegido, os olhares que o julgam sugerem uma ausência de afeto.

1 (Plath, 2018, p. 164-167).

Ao longo do poema somos apresentados a vários elementos, como a asclépia, que se destaca por sua textura suave, frequentemente empregada na produção de fibras têxteis, utilizada como matéria-prima na confecção das vestimentas que foi dada para a proteção do eu-lírico, evocando uma associação com os macacões tradicionalmente utilizados na apicultura. Encerrando a estrofe, o repetir da expressão “meu medo” emerge – contudo, surgem os questionamentos: Medo de quem? Medo de quê? A imagem dos aldeões retorna com mais detalhes, suas vestimentas específicas e as cores delas, acompanhadas de viseiras e de proteções. A paisagem delineada pelos temas explorados pelo eu-lírico até este ponto começa a adquirir uma nova dimensão: aquilo que poderia ser interpretado como uma representação poética de um ciclo entre vida e morte, agora se desvenda como uma visita a um campo que abriga uma colmeia, onde uma tarefa ainda não mencionada será realizada. Nesse espaço aberto, a vegetação rasteira se assemelha a corações entediados, murchos, evocando uma imagem de sangue gotejando sobre o solo.

"É o espinheiro que cheira tão? / Seu corpo estéril, anestesiando seus filhos" (Plath, 2018, p. 165). Evidencia-se que, no final de 1962, a relação matrimonial entre Plath e Hughes estava entrando em colapso. Ao longo dos anos, o vínculo entre os dois sempre se mostrou tumultuado, como indicado pela própria poeta em algumas de suas entradas em seus diários, onde menciona descontentamentos: “quem sabe a quem o próximo livro de Ted está dedicado? A seu umbigo. Seu pênis. Pela primeira vez o percebi presunçoso, enganador” (Plath, 2017, p. 449). Nesse cenário, Plath emprega um elemento de ficcionalização, uma vez que faz uso das ferramentas líricas pertinentes. Em relação à definição desses valores, “a lírica é uma visão e uma audição do interior de mim mesmo pelos olhos emocionais e na voz emocional do outro: eu me escuto no outro, com os outros e para os outros” (Bakhtin, 2020, p. 156).

No contexto do poema, mesmo que o eu-lírico ainda esteja em pleno desconhecimento de sua própria identidade, ele persiste em sua busca por compreender seu lugar naquela sociedade entre os aldeões. Contudo, o procedimento cirúrgico mencionado na sexta estrofe gera questionamentos. Seria essa intervenção um transplante ou uma transferência efetuada por mãos solidárias? A figura que envolve esse ato permanece enigmática. Plath, agora adotando uma abordagem metalinguística, nos conduz a uma nova perspectiva. Com a presença das abelhas, observamos sua fragilidade sendo exposta ao vento. Certamente, a fumaça alude ao fumo empregado para atordoar os insetos e dificultar seus ataques às pessoas presentes – mas as abelhas não compreendem as intenções humanas; diante disso, são tomadas pelo pânico. Em meio a essa

situação, o eu-lírico se sensibiliza pelas abelhas e busca se camuflar, assemelhando-se às outras plantas do ambiente.

O eu-lírico assume uma espécie de “personagem” aos olhos das abelhas, enquanto sua aparência semelhante à de uma planta o mantém presente na cena. Imóvel e observador, o eu-lírico acompanha em silêncio os aldeões em sua busca pela abelha-rainha. Com uma inteligência quase humana, a abelha-rainha permanece resguardada nas profundezas da colmeia, possivelmente se alimentando do mel ali armazenado. A rainha pode ser interpretada como uma metáfora da poeta, ou até mesmo das operárias da colmeia, já que os animais agem por instinto enquanto os seres humanos possuem a capacidade racional para tomar decisões.

De forma semelhante à Sylvia Plath e à antiga rainha, aspiravam a afirmar suas vocações. Enquanto uma buscava ocupar os espaços na esfera literária como uma escritora renomada por suas obras, a rainha, por sua vez, resguardada nas profundezas da colmeia para evitar que fosse capturada devido à sua idade avançada, ansiava por permanecer em seu papel. Em seu diário Plath fazia as afirmações constantemente:

O que mais horroriza é a noção de inutilidade: instruída, brilhante, promissora, e decaindo em direção à meia-idade indiferente. Em vez de me dedicar a escrever, perco-me nos devaneios, incapaz de superar a desilusão das recusas. [...] Ler, estudar, “fazer minha própria cabeça”, por minha conta apenas, não é só o melhor. Preciso da realidade alheia, de trabalho, para me sentir realizada. Jamais me tornar mera esposa e dona de casa. [...] Cansei da incerteza terrível de nossas vidas vagas. (Plath, 2017, p. 605)

Concluindo o poema, a exaustão assola o eu-lírico, que, após atravessar todo o “rito sagrado da apicultura”, executado pelos aldeões (os quais já não se revelam iguais como antes), agora repousa imobilizado sobre um palco, sujeito a uma cirurgia realizada por um ilusionista, cujas facas geram terror a ponto de descolorir a atmosfera. O destaque é concedido ao pilar que domina o palanque, enquanto os holofotes o banham em um brilho intenso, preparando-se para o último truque. As facas se movem nas sombras, na obscuridade, em um local isolado onde apenas o eu-lírico pode acessar, mantendo sua mente resguardada. O pilar outrora pálido e inerte se metamorfoseia na jovem que emerge da escuridão, não hesitando em expressar sua exaustão. Após os eventos, todos são desmascarados, revelando-se figuras comuns da sociedade. No entanto, simultaneamente, o eu-lírico não compartilha o mesmo espaço que esses envolvidos.

5 Conclusões

Plath perseguia a escrita com uma tenacidade vital. Seus silêncios e desafios, como mulher em uma esfera literária dominada por homens, nunca diminuiram a intensidade de sua expressão. Sua escrita habilmente utilizava métricas e formas consagradas, demonstrando que podia assimilar e expandir as tradições literárias estabelecidas. Ao entrelaçar suas experiências pessoais com sua produção literária, Plath criou uma teia intrincada de confissões e reflexões, revelando-se tanto operária quanto rainha em suas obras, navegando entre seus deveres cotidianos e sua paixão criativa.

A alegoria das abelhas proporciona uma lente singular para compreender a vida e a literatura de Plath. Ela é, ao mesmo tempo, a operária e a rainha, produzindo mel através de suas experiências e desafios. A apicultura, prática presente ao longo de sua vida e inspiração para seus escritos, reflete uma jornada de iniciação, trabalho árduo e recompensas adocicadas. A intersecção entre sua vida e obra resulta em uma poesia que pode ser saboreada metaforicamente, onde cada linha é uma gota de mel produzida no meio das adversidades.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.

PLATH, S. **Ariel**. Edição restaurada e bilíngue. Trad. Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lenz de Macedo. 2. ed. Campinas: Verus Editora, 2018.

PLATH, S. **Os diários de Sylvia Plath; 1950-1962**. Edit. por Karen V. Kukil. Trad. Celso Nogueira. 2. ed. São Paulo: Globo, 2017.

SIQUEIRA, E. Fênix ruiva, escrita que come o tempo. **Suplemento Pernambuco**, Pernambuco, v. 194, n. 1, p. 48-62, abril, 2022.